

A DIMENSÃO ESTRATÉGICA DA ENTRADA DO EGITO NO BRICS

GIANCARLO CRISTIANO DE GOUVEIA¹; CHARLES PEREIRA PENNAFORTE²

¹Universidade Federal de Pelotas – gianc.gouveia@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – charlespennaforte@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está sendo desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa CNPq Geopolítica e Mercosul (GeoMercosul) e do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA). A pesquisa visa aprofundar a compreensão das motivações e consequências da inclusão da República Árabe do Egito no BRICS e como isso está reconfigurando as dinâmicas geopolíticas e econômicas no Mundo Árabe e no continente africano, bem como no contexto global.

O ingresso do país norte-africano no BRICS, acompanhado de mais outros cinco Estados, marca uma mudança significativa nas relações internacionais e suscita questões cruciais sobre o equilíbrio de poder e a cooperação internacional no século XXI, destacando a importância das relações intercontinentais e dos desafios para o desenvolvimento das nações periféricas. Nesse contexto, é pertinente questionar quais esferas de influência se buscam atingir ao se estabelecer uma relação de cooperação com o Egito; já que o país possui influência no meio africano, no meio árabe e quase 110 milhões de habitantes, sendo o mais populoso entre os Estados Árabes e o terceiro mais populoso na África.

Em primeira instância, é necessário compreender as razões internas que motivaram o Egito a ser mais um dos países que almejavam um lugar no BRICS. Nisso, pode-se apontar o trabalho de Christian Achrainer (2023) em traçar o caminho da política externa egípcia. O Estado, ao decorrer de sua história, teve certa fluidez ao determinar seu alinhamento internacional; se aproximando e se afastando das potências ocidentais em determinados momentos, por exemplo, durante o governo de Sadat, quando rompeu-se com o viés independente e regionalista que o país buscava durante a Guerra fria, e, após a Primavera Árabe, voltou a ser visado.

“Nos tempos de Nasser (1954-1970), a identificação do Egito enquanto um dos fatores de um peculiar movimento de transformação da ordem global a partir de demandas como a descolonização [...] Hegemônico no mundo árabe até meados dos anos 1960, protagonista no processo de formação de um sistema regional africano com o avanço da descolonização e um dos arquitetos do Movimento dos Não-Alinhados, o Cairo se tornaria um referencial geopolítico importante quanto ao desenvolvimento de diferentes dinâmicas políticas envolvendo atores do mundo em desenvolvimento.

Durante o governo de Anwar Al-Sadat, o processo de liberalização econômica e reconfiguração da posição geopolítica do país culminou com um desengajamento em relação à multifacetada atuação nas décadas anteriores. Sob o lema “Egito Primeiro”, Sadat abriu os caminhos para o desenvolvimento de um relacionamento estreito com os EUA.

[...] No desafio de sobrevivência institucional após os efeitos da Primavera Árabe, o governo ligado à Irmandade Muçulmana almejou a promoção de um relativo realinhamento em nível regional.” (SANTOS, 2023)

Porém, é relevante para a análise que se desenvolve agora apreciar a mais recente postura do país, após os acontecimentos da Primavera Árabe (que teve efeitos no Egito e em diversos países vizinhos), em se propor como um agente

multilateral, firmando laços com a União Europeia, a China, e a Rússia. Tendo, ainda, uma bagagem diplomática extremamente interessante em relação aos países africanos e aos Estados do Oriente Médio.

Além disso, é necessário levar em consideração a visão dos países que compunham o BRICS, posteriormente ao anúncio da entrada de novos membros em 2023, a escolherem o país mediterrâneo para fazer parte do grupo. Nesse âmbito, é notório identificar que, do ponto de vista geográfico, o Egito se encontra em uma posição estratégica; em pleno continente africano, com proximidade à região do Oriente Médio, acesso ao Mar Mediterrâneo e Vermelho, além de controlar o Canal de Suez, ponto vital para o funcionamento do comércio global.

Dado o exposto, faz-se perceptível que o Egito tem como intenção ter um panorama diversificado de parceiros internacionais, propósito idêntico ao do BRICS. Ambos, visando, dessa forma, uma inserção em diversas instâncias do globo. Sendo assim, é interessante a seguinte indagação: a aproximação do grupo multilateral com Cairo é fruto de uma intenção de utilizar o país como um meio para estabelecer relações plenas com os outros Estados “à sua volta”?

Sob esse prisma, a questão que se deve entender, neste momento, é se a escolha do Egito como um dos países a adentrar o BRICS, em meio ao projeto de mobilização internacional para obtenção de poder de influência no sistema internacional. Nessa concepção, essa é uma decisão que visa não apenas valorizar e utilizar o contexto doméstico do país escolhido, que possui dados atrativos, porém é marcado por disparidades, mas qual dos âmbitos geopolíticos que Cairo mostra estar relacionado com o grupo internacional visa se aproximar de maneira mais intensa; ao passo que usa a nação árabe como uma “ponte” para o mundo árabe e para o continente Africano.

2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa é a análise de dados de caráter qualitativo. O trabalho será desenvolvido por meio de análise documental e de revisão bibliográfica, utilizando fontes de caráter secundário em livros, artigos científicos e imprensa em geral.

Nos esforços de compreensão acerca do lugar ocupado pelo Egito no campo de interesses do BRICS, esta pesquisa é estruturada pela chamada Análise do Sistema Mundo (ASM). Considerando o sistema-mundo como uma unidade básica de análise social e um sistema histórico (PENNAFORTE, 2023), um olhar sobre a sua evolução nos últimos anos, principalmente após a Primavera Árabe, se torna fundamental para a construção de uma análise crítica acerca do papel que o Egito ocupa nos distintos círculos de influência que ele se encontra.

Conforme Immanuel Wallerstein (2004), a trajetória do sistema-mundo contemporâneo é marcada por um processo de declínio da hegemonia estadunidense, cujos principais motores, a partir de uma leitura dialética, residiram nas características de sua própria ascensão. Longe de assumir um caráter linear, o movimento de “aterrissagem forçada da águia” se notabilizou por uma série de avanços e retardos (WALLERSTEIN, 2004, p. 21).

Nesse panorama, o aprofundamento da perda de legitimidade da liderança estadunidense abriu novas perspectivas quanto ao futuro do mundo no século XXI. Nisso, a perspectiva de um reordenamento a partir da emergência de um novo ator hegemônico e a configuração de novos polos regionais reafirma a importância do

surgimento da estrutura de organização diplomática do BRICS e da busca egípcia por uma parceria com a iniciativa multilateral.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na atual fase de pesquisa, podemos ver a importância do Egito para aumentar a representatividade do BRICS no norte da África ao lado da Etiópia na região do Sahel. Sendo assim, pretendemos avançar na busca de respostas que possam elucidar os impactos do Egito para o BRICS Plus.

4. CONCLUSÕES

Podemos observar uma possível harmonia de interesses entre o Egito e o BRICS ao se prezar pela sua entrada na iniciativa. Nisso, ao se abordar a questão da penetração da diplomacia egípcia em duas esferas regionais importantes globalmente, pode-se concluir que há importância da atuação do Cairo em ambas. Nesse tópico, porém, encontram-se diferentes motivos para se ter a presença do Egito na iniciativa multilateral.

Contemplando o país em si, que pode ser marcado como uma economia de contrastes, com índices econômicos positivos, porém com desigualdade social notável, que, por outro lado, gera uma perspectiva de crescimento interessante. Já, no campo de visão internacional, no âmbito do Oriente Médio a presença egípcia pode ser vista como crucial para o bom relacionamento entre os países da região, visto que não possuem um histórico de diplomacia forte entre si. E, finalmente, no contexto africano, pelo país ser um polo econômico e demográfico do Continente, com um histórico de poder relevante internacionalmente e regionalmente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ENGLAND, A. “Bridges with everyone”: How Saudi Arabia and UAE are positioning themselves for power. Financial Times, 2023. Disponível em: <https://www.ft.com/content/3889c33d-4830-407c-a3f6-f9e3cfaaa35f>. Acesso em: 12/09/2023.
- KAMER, L. African Countries with the Highest Gross Domestic Product (GDP) in 2021. Statista, 2023. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/1120999/gdp-of-african-countries-by-country/>>. Acesso em: 12/09/2023.
- AYFERAM, G. The Nile Dispute: Beyond Water Security. Carnegie, 2023. Disponível em: <<https://carnegieendowment.org/sada/88842>>. Acesso em: 16/09/2023.
- ACHRAINER, Christian. Egyptian Foreign Relations Under al-Sisi: External Alignments Since 2013. Londres: Routledge, 2023.
- GONÇALVES, Luis Eduardo Fonseca de Carvalho. Egito: revolução e contrarrevolução (2011-2015). Brasília: FUNAG, 2017.
- SANTOS, Mateus. O Egito de Al-sisi nos BRICS? Considerações geopolíticas. Pelotas: UFPEL, 2023.
- PENNAFORTE, Charles. Análise dos Sistemas-Mundo: uma Introdução ao pensamento de Immanuel Wallerstein. Pelotas: UFPEL, 2ª ed., 2023.